

HOMEM NÃO PRESTA...

Por Reynaldo Bessa

Mãe de filhinha se separou recentemente. Vive dizendo: “homem não presta”. Filhinha não entende nada. É nova. Novinha. Treze aninhos, quase. Quando não está no mundo da lua, está numa pressa sem preço. Vasculha tudo, derruba, revira, procurando alguma coisa que nem ela sabe bem o que é e, depois que a encontra, deixa de lado. O quarto todinho bagunçado. Filhinha é bonita que é danada. Uma mulher quebrando o ovo. Ela nem sabe. Nossa! Como é bonita essa menina. Serpenteia... Serpenteia... Não anda, desliiiiiiiiiza. Seu corpo canta. Quando prende os cabelos, os meninos não conseguem respirar. Ela leva só alguns segundinhos pra fazer isso e eles ficam tontos pro resto de suas vidas! Cabelo liso, lisinho. O olhar da gente fica escorregando.

Filhinha tem agora os mesmos sonhos que sua mãe tinha: os galãs de novela. O terceiro esse ano tem um nome estranho que nem ela sabe pronunciar direito, mas ela gosta. É lindo, musculoso, rico, maravilhoso. Quando crescer, diz que vai casar com um deles, o mais bonito. Tem fotos de todos. Até no vaso sanitário. Quando os vê na TV, chora, chora tanto que dá até pena, mas logo está sorrindo, pois sua mãe lhe trouxe uma caixa de jujubas. Então, passa pesadamente cada mão em cada olho na intenção de desfazer as lágrimas e vai pra escola, sorrindo vermelho e fazendo um barulho molhado na boca. Nhec! Nhec! Nhec!

Filhinho é um menino tímido. Tímido demais. Não é feio, mas bonito também não é. Desengonçaaaaado. Tropeça até no vento. Segurar xícaras pequenas é um de seus maiores martírios. Passa o dia inteiro tentando repor com o indicador, os óculos sobre o nariz. Parece gostar dessa brincadeira, pois é um cai e põe sem fim. Filhinho é um menino tão bom que às vezes ninguém o nota. Não fala muito, mas parece saber o que pensa. Mãe de filhinho também se separou, só que já faz algum tempo, mas ela continua dizendo: “Homem não presta”. E quanto mais ela fala mal do pai, mais filhinho sente vontade de conhecê-lo. Deixa um beijo silencioso nas bochechas cansadas da mãe e sai correndo pra a escola.

Bum! Zaz! Vixe Maria! Êta mundo pequeno! Filhinho e filhinha se encontraram pela primeira vez. Foi numa dessas esquinas. Juntos mergulharam num marzão. Foram lá fundo. Tudo sufoco e silêncio. Os olhos de filhinha pegaram fogo, pareciam estrelas nascendo. Filhinho bateu a boca, mas não saiu nada. Ficou com o queixo caído parecendo boneco de ventríloquo. Num gesto que nem ele compreendeu, tentou abotoar um botão da camisa que já se encontrava abotoado. Filhinha ajeitou o cabelo, na verdade desajeitou. Cada um sorriu a metade de um sorriso que juntando dava um sorriso inteiro. Lentamente foram desviando um do outro como lutadores em um ringue. Filhinho olhando ainda para trás ensaiou uma corrida. Filhinha não olhou, não teve coragem. Foi-se cobrindo os seios com os livros, percebendo agora que eles existiam. Filhinha passou a tarde toda trancada no quarto numa escuridão capaz

de assustar a própria escuridão. Os olhos colados no futuro. Um sorriso boiando nos lábios... Pensava... Então é isso. É disso que as pessoas fogem, matam, se escondem, se entregam, falam baixinho, roubam, fazem as guerras? Será que é pra isso que as flores nascem? Depois do encontro ela não consegue mais escolher roupa, nada fica bom. É preciso comprar mais. Acha que não tem nada. O guarda-roupa abarrotado: ela parada, cabeça baixa, olhando de lado.

Filhinho não come. Teve sua primeira nota vermelha. Ah, nem ligou. De vez em quando vai até a esquina e refaz a cena. Só que fala. Fica falannnnnnnnnte.

Meu Deus! Quanta espera, explosões, silêncios, impasses, perguntas, gritos mudos. Filhinho não aguenta mais isso, chega. TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC!

Filhinha agora é mãe, tem uma filhinha de filhinho. A filhinha é bonita igual a sua mãe filhinha.

Filhinho é um bom pai. O casal agora divide tudo, o mesmo cigarro, a cama, alegrias, tristezas, os anos, o amor, a vida, as contas também. Eles são loucos um pelo outro. O amor continua crescendo no escuro.

Tempo passa, né? Logo filhinha vai ter um filhinho de filhinho... Alegria de novo... Vamos mudar os sofás de lugar? Isso, esse pra cá e esse pra lá... Assim. Lá vai o tempo. Onde? Ali, lá na ladeiiiiiiiiira... Não adianta. Ninguém segura mesmo. Escorrega sempre. Foge. Bocas mudas. Dias escuros. A lua não tá vindo. Será que ainda vem? Não sei, ora! O que foi? O quê? Quando? Onde? Silêncio... Tic... Tac... Tic... Tac.... Filhinha se separou de filhinho. Agora vive dizendo pra filhinha: “homem não presta”. Filhinha não entende nada. É nova, novinha...

Ao som de: Daughters – John Mayer



REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/ RIO GRANDE DO NORTE) – Músico e Escritor. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonsus de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro “*Outros Barulhos – Poemas*” (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2010 foi um dos finalistas do PRÊMIO SESC DE LITERATURA, com o seu livro de contos “*Algarobas Urbanas*” (editora Patuá) lançado em 2011. Neste ano lançou pela Rubra Cartoneira Editorial (Londrina-PR), o seu terceiro livro, “*Não tenho pena do poema*” (o segundo de poesia).